


**A POTÊNCIA DOS AFETOS: EXPERIÊNCIAS DE DUAS PESQUISAS DE
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO**

**THE POWER OF AFFECTIONS: EXPERIENCES FROM TWO DOCTORAL
RESEARCHES IN EDUCATION**

**EL PODER DE LOS AFECTOS: EXPERIENCIAS DE DOS INVESTIGACIONES
DOCTORALES EN EDUCACIÓN**

 <https://doi.org/10.56238/arev7n10-031>

Data de submissão: 02/09/2025

Data de publicação: 02/10/2025

Andréa Scopel Piol

Doutora em Educação

Instituição: Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

E-mail: andrea.scopel.piol@gmail.com

Jannaina Calixto de Lima

Doutora em Educação

Instituição: Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

E-mail: jannainacl@gmail.com

Janete Magalhães Carvalho

Doutora em Educação

Instituição: Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

E-mail: janete.carvalho0112@gmail.com

RESUMO

Este artigo apresenta a força dos afetos que se engendram nas pesquisas em educação como afirmação da vida. Afetos que atravessam corpos, constituindo uma experiência estética e sensível que perpassa currículos e docências pela via dos signos artísticos. Nesse sentido, este ensaio objetiva capturar afetos e afecções produzidos em duas teses de doutorado em educação, atravessados pela experiência do pensar, no movimento de violentar o pensamento pelos signos da arte, abrindo brechas para uma experiência estética como condição de possibilidade humana. Assim, em uma metodologia cartográfica, este trabalho lança-se no movimento de encontro com duas pesquisas de doutorado em educação que apostam na força dos currículos e da formação docente, com crianças e professoras de duas escolas públicas brasileiras. Estas pesquisas apontam que os signos artísticos revelam processos de subjetivação que nos permitem atingir os diversos mundos por meio da experimentação, agindo como fluxo de força para quebrar representações, impulsionando invenções de possíveis, além de possibilitar a constituição de uma educação pautada na dimensão do sensível.

Palavras-chave: Pesquisas. Currículos. Docências. Afetos e Afecções. Filosofia da Diferença.

ABSTRACT

This article presents the power of affects engendered in educational research as an affirmation of life. These affects permeate bodies, constituting an aesthetic and sensitive experience that permeates curricula and teaching through artistic signs. In this sense, this essay aims to capture affects and affections produced in two doctoral theses in education, permeated by the experience of thinking, in

the movement of violating thought through artistic signs, opening gaps for an aesthetic experience as a condition of human possibility. Thus, using a cartographic methodology, this work launches into a movement of encounter with two doctoral research projects in education that focus on the power of curricula and teacher training, with children and teachers from two Brazilian public schools. These studies indicate that artistic signs reveal processes of subjectivation that allow us to reach diverse worlds through experimentation, stimulated as a flow of force to shatter representations, driving the invention of possibilities, and enabling the establishment of an education grounded in the dimension of the sensitive.

Keywords: Research. Curricula. Teaching. Affections and Affections. Philosophy of Difference.

RESUMEN

Este artigo apresenta a força dos afetos que se engendram nas pesquisas em educação como afirmação da vida. Afetos que atravessam corpos, constituindo uma experiência estética e sensível que perpassa currículos e docências pela via dos signos artísticos. En este sentido, este ensayo objetivo captura afetos e afecções producidos en dos teses de doutorado em educación, atravesados pela experiência do pensar, no movimento de violentar o pensamento pelos signos da arte, abrindo brechas para uma experiência estética como condición de posibilidad humana. Assim, em uma metodologia cartográfica, este trabalho lança-se no movimento de encontro com dos pesquisas de doutorado em educação que apostam na força dos currículos e da formação docente, com crianças e Professoras de dos escolas públicas brasileiras. Estas investigaciones apuntan a que los signos artísticos revelan procesos de subjetivación que nos permiten atingir os diversos mundos por medio de la experimentación, agindo como flujo de fuerza para quebrar representaciones, impulsando invenciones de possíveis, além de possibilitar a constituição de uma educação pautada na dimensão do sensível.

Palabras clave: Investigación. CV. Docencia. Afectos y Afectos. Filosofía de la Diferencia.

1 INTRODUÇÃO

1.1 MODOS DE *PENSARSENTIR* AS PESQUISAS EM EDUCAÇÃO

Hoje eu senti um friozinho que foi estremecendo o meu corpo [...].
Eu senti uma menina linda, uma menina preta, negra mesmo.
De cabelo enroladinho e preso, igual a menina da história.
Eu também não gostava de sentir que eu sou.
Mas agora eu gosto de sentir a minha vida.
(Crianças de 3º ano, arquivo das pesquisadoras, 2024).

Não se sabe o que pode afetar um corpo, entretanto, as pesquisas educacionais afirmam suas forças pela experimentação coletiva, pelos agenciamentos que se produzem em meio aos currículos, à docência, às crianças, à vida, aos afetos, na força das experiências estéticas. A teoria dos afetos e a experiência estética em pesquisas educacionais apresentam possibilidades de nos afetar e sermos afetados nos acontecimentos inesperados que emergem das sensações provocadas a partir das experimentações lançadas à imprevisibilidade, ao acontecimento, à possibilidade de experimentação, como aponta Deleuze (1974).

Para Spinoza (2009), não é possível prever o que os afetos podem provocar, nem saber as ações de um corpo ou de um pensamento. Experimentar é se abrir aos encontros com a vida, nos deixar afetar pelas forças que nos atravessam, pelos fluxos, pelas sensações do corpo que nos deslocam do mundo habitado para outros acontecimentos na invenção da pesquisa: um modo de existência entrelaçado à experiência estética como obra de arte.

Pontuamos, a partir de Deleuze (2006, p. 108), “[...] que a obra de arte aparece como experimentação”, potências produzidas na ordem do impensável, da sensibilidade, das vibrações do corpo. Assim, lançamo-nos no movimento de encontro com duas pesquisas de doutorado em educação, defendidas em julho de 2025, que apostam na força dos currículos e da formação docente, com crianças e professoras de duas escolas públicas, uma de anos iniciais do ensino fundamental e outra da educação infantil.

Desse modo, em uma metodologia cartográfica, capturamos afetos e afecções produzidos nessas pesquisas, experimentados na partilha do sensível. Cartografia que não se faz na temporalidade cronológica, mas, nas linhas da experimentação que deslizam em multiplicidades entre as coisas, onde irrompem universos provocadores de sensações na liberdade do pensar. Assim, essas duas pesquisas se arriscam pelas linhas dos signos artísticos, pela via da literatura, da pintura e da contação de histórias, colocando o pensamento em movimento.

Nesse sentido, objetivamos capturar afetos e afecções produzidos em duas teses de doutorado em educação, atravessados pelas forças do sensível e pelas experiências do pensar, no movimento de

violentar o pensamento pelos signos da arte, abrindo brechas para uma experiência estética como condição de possibilidade humana.

1.2 AFETO: INVENÇÕES CRIANCEIRAS

Imagem 1 – Invenções crianças.



Fonte: Imagem produzida pelas crianças (2023).

- Nós juntamos o que nós fizemos e aí a gente formou uma família.
 - É mesmo? Mas como é a família de vocês?
 - Eu não tenho família em casa. Mas agora eu tenho na escola. Por isso que eu não fiz os bichos, tia. Mas eu fiz o que é o meu sonho.
 - Sabe que a nossa amizade faz uma família também.
- (Produção da pesquisa, 2023).

Que lugar é esse? Seriam conversas que se constituem políticas de amizade, de afetos, de alegria, de coletividade? As crianças atçam modos outros de habitar a escola na dimensão política de amizade que perpassa uma educação sensível e afeta a produção curricular em éticas existenciais pelos bons encontros, pela potência inventiva, pela fabulação. Na escola, somos continuamente afetados

pelos desejos das crianças com cujos desejos podemos compor experimentações políticas de amizade e alegria como forças revolucionárias por serem minoritárias, micropolíticas, tecidas na imanência de *uma vida*.

Essa experiência desloca pensamentos de crianças na dimensão do sensível, pondo-nos diante de uma estética voltada para as afecções em que a nossa sensibilidade é convidada a expandir-se pela potência do corpo, dos afetos e afecções. No pensamento deleuze-guattariano (1992, p. 88), estética aparece como “potências de afectos e de perceptos”, possibilitando aberturas sensíveis que potencializam a vida, assim como a composição da arte. “Composição, eis a única definição da arte. A composição é estética, e o que não é composto não é uma obra de arte” (p. 247). Assim, a pesquisa em educação não se trata de um trabalho técnico, mas de uma “composição estética, que é o trabalho da sensação”, da arte. Um trabalho possível que nos convida a um encontro, a uma experimentação aberta ao corpo sensível.

A pesquisa pensada como estética lança-se à experimentação, à arte: “puro processo que se efetua e não para de se efetuar enquanto se processa” (Deleuze; Guattari, 2010, p. 492). O corpo e o pensamento se abrem à criação, atravessam zonas de vizinhanças e instauram blocos de vida que se deslocam do mundo calcado na representação. Trata-se, então, de uma experiência que se dá com o corpo aberto aos modos de afetar e ser afetado, como pressupõe a ética espinosana, que implica uma sensibilidade, em modos de se relacionar e nos deixar contagiar nos encontros alegres, aumentando a nossa potência de agir e existir.

Por afeto, compreendem-se as afecções do corpo, uma variação em nós, pelas quais a potência de agir ou a força de existir é aumentada ou diminuída. Nesse sentido, os afetos podem ser alegres ou tristes. A alegria decorre de um bom encontro, à medida que a tristeza advém de um mau encontro. É a passagem de uma perfeição menor para uma maior, enquanto a tristeza é a passagem de uma perfeição maior para uma menor (Spinoza, 2009). Desse modo, a experiência estética, em Deleuze, compõe com a invenção, a arte, um modo de pensamento, “um corpo que experimenta”.

Compor uma experiência estética que se abre às experimentações do corpo, às crianças e docências nas pesquisas em educação, nos coloca diante da possibilidade de experimentar a vida como uma obra de arte possível para mundos possíveis, assim como o que remete Deleuze e Guattari (1992, p. 213): “a obra de arte é um ser de sensação, e nada mais: ela existe em si”. O artista cria blocos de perceptos e de afetos para que essa obra se sustente por ela mesma.

Nesse sentido, uma experiência estética que considera as sensações do corpo, os efeitos de alegria ou de estranhamento, inaugura um tipo de encontro que não é de dominação, mas de agenciamentos que se deslocam do mundo racional, da imagem dogmática do pensamento à potência

criadora; deslocando pesquisas e pesquisadores de um lugar de análise para um gesto ético e político na produção de afetos e afecções.

Neste ensaio, não se trata de extrair uma representação dos acontecimentos experienciados nas pesquisas, mas de mergulhar no vivido, na estética da experiência, nos fazendo pensar o que nos afeta e nos move no encontro com pesquisas de doutorado: que efeitos as experimentações estéticas e a força do sensível provocam nas pesquisas em educação? Que capturas são possíveis nos movimentos de pesquisas no campo da educação?

1.3 AFETO: EXPERIMENTAÇÕES ESTÉTICAS

Imagem 2 – Experimentações.



Fonte: Imagem produzida pelas crianças (2023).

DO OUTRO LADO DO MENINO

Uma vez um menino que foi dormir e acordou num circo. Ele brincou com o palhaço e virou um boneco colorido. E todo mundo gostava de brincar com ele.

Ele subia nas árvores, corria com as crianças e fazia palhaçada na escola.

O circo foi embora e levou o boneco. - Sabia que ele virou um malabarista?

Um dia ele voltou pra casa e foi pra escola.

Na escola ele fazia mágicas com as crianças.

(Criança, 2023).

Deleuze (2006), ao realizar uma crítica à imagem dogmática do pensamento, em *Diferença e Repetição*, ativa em nós forças que não são as da representação, do reconhecimento das essências,

mas, da diferença, da potência criadora que provoca o pensamento e a luta contra os atos de reconhecimento consagrados na *doxa*. Lutamos, pois, contra a forma de dominação dos currículos que capturam a arte para a normatização do pensamento. Pensamos, então, que encontros podem nos libertar da imagem dogmática do pensamento, da representação? É possível sair da reconhecimento de modo que o pensamento não devesse procurar seus modelos, mas se aventurar na infância do pensar?

1.4 AFETO: ABERTURAS DE OUTROS POSSÍVEIS NA FORMAÇÃO DOCENTE

Imagem 3 – Redes de conversações: afecções docentes.



Fonte: Imagem produzida pelas pesquisadoras (2023).

Penso que a gente precisa contar mais histórias com as crianças e deixá-las nos contar também, não apenas reproduzir. As nossas memórias estão repletas de literatura, de afeto. É um avô que contou, é uma professora que leu um livro em sala com a gente... É vida que está saindo de nós...

(Produção das pesquisas, professora, 2023).

Afetados pela composição com os signos artísticos nos movimentos de formação docente experimentados nos cotidianos, sinalizamos a aposta nas diversas maneiras de expressividade humana,

1.5 AFETO: CONVERSACÕES E AFECÇÕES

[illegible]

Atravessadas pelas experimentações com a literatura e a contação de histórias nos diferentes *espaçotempos*, fomos contagiadas pelos afetos produzidos nos encontros entre docências e crianças, assim como a escrita literária de Munduruku em Afete (2023). Pela força do sensível, que afetamos e somos afetados, produzimos currículos outros. Produções de sensações que, por vezes, trouxeram

estranhamentos, medos, riscos, que deslocam a vida do mundo habituado para outras experimentações com a arte da literatura: um modo de existência que é vento, energia, alegria, intensidade.

Tais vibrações do corpo atravessaram movimentos intensivos nos acontecimentos inusitados que emergiam nas experimentações com a literatura e a contação de histórias, deslocando-nos da imagem dogmática do mundo da representação e da reconhecimento, como nos sugere Deleuze (2006). No movimento ético-estético-político do encontro com os signos artísticos, potencializamos currículos na força criadora do pensamento, que nos convoca para outro tempo, outra maneira de existência que possibilita modos minoritários de vida na escola.

Agenciamentos que se fazem nas linhas intensivas, nos fluxos, nas experimentações que desafiam outros modos de pensar a docência, as infâncias, os currículos, pela via dos encontros.

As infâncias, enquanto força criadora, se relacionam com a experiência e a experimentação (Leite, 2011; 2024), e nos levam a repensar currículos como processos inventivos, que atravessam diferentes espaços e constroem possibilidades em conexão com a vida, a docência e as crianças.

1.6 AFETO: EXPERIMENTAÇÕES NOS “QUINTAISDOCENTES”

Imagem 5 – Contação de histórias.



Fonte: Imagem produzida pelas pesquisadoras (2023).

Penso que a gente precisa contar mais histórias com as crianças e deixá-las nos contar também, não apenas reproduzir. As nossas memórias estão repletas de literatura, de afeto. É um avô que contou, é uma professora que leu um livro em sala com a gente... É vida que está saindo de nós...

(Produção das pesquisas, professora, 2023).

Abordamos as aprendizagens, forças e afetos que surgem na composição dos currículos, nos encontros entre corpos e nas experimentações sensíveis do cotidiano escolar. Com o desejo de criação, utilizamos a literatura e a contação de histórias como espaços de encontro afetivo e provocação para repensar infâncias e docências. Nesse processo, afetos e composições fortaleceram as aprendizagens nos encontros e agenciamentos entre docentes e crianças, gerando movimentos de vida. O entrelaçamento de vozes, fluxos e forças, por meio de atravessamentos e devir intensificou a experiência, criando outros modos de existir e reexistir na docência e nos currículos.

1.7 AFETO: EXPERIMENTAÇÕES COM A ARTE

Imagem 6 – Experiências imagéticas de crianças: pinturas em tecido.



Fonte: Imagem produzida pelas pesquisadoras (2023).

Miçangas
Colorida como a areia da praia.
Cheia de pedrinhas.
Verde, azul, rosa, amarela.
Lilás, Laranja, preta e marrom.
No céu, eu misturei as bolinhas.
Passa uma, passam duas, passam muitas pessoas aqui na minha loja de miçangas.
(Poética de criança, 2023).

As crianças experimentam o pensamento na abertura do encontro com a pintura, que abre espaço para o encontro de forças, devires, sensações. Para Deleuze-Guattari (1992, p. 216), seja qual for o gênero artístico – pintura, escultura, música, literatura –, ele expressa-se através de sensações. A arte produz sensações na qual remete à ideia de força, às noções de afectos e perceptos, desencadeando um devir sensível. E, para que haja sensação, é preciso que uma força se exerça sobre um corpo, um

ponto de vibração. Assim, na arte, não se trata de reproduzir as formas dos objetos, mas de captar forças.

1.8 AFETO: PENSAMENTOS E VIDAS

Imagem 7 – Experiências de crianças.



Fonte: Imagem produzida pelas pesquisadoras (2023).

- Nossa, que coisa estranha!
 - Ah, o que eu fiz não tem por aí! Ele está dentro do pensamento. E sabia que eu fiz com a mão e o coração tremendo?
 - Por isso que ele ficou todo torto?
 - Não, porque ele é meu sonho.
 - Você queria ser esse esquisito?
 - Não é esquisito. É meu pai e eu juntinhos.
- (Conversa entre crianças no pátio da escola, 2023)

Essa experiência desloca pensamentos de crianças na dimensão do sensível, pondo-nos diante de uma estética voltada para as afecções do corpo em que a nossa sensibilidade é convidada a expandir-se. Ademais, devém dessa composição, desse modo de existência, “uma infância” enquanto força viva que afirma a sua corporeidade, assim como afirma Clarice Lispector em seu livro *Água viva* (1998, p. 47): “[...] o mais profundo pensamento é um coração batendo”, tentando escrever com o corpo todo, “enviando uma seta que se finca no ponto tenro e nevrálgico da palavra” (p. 12).

1.9 AFETO: EXPERIÊNCIA DE PENSAMENTO

Imagem 8 – Experiência de pensamento: contação de histórias.



Fonte: Imagem produzida pelas crianças (2023).

Era uma manhã chuvosa e fria numa sala de crianças de 8 anos, e, sempre com a professora, fomos afetadas pelos modos de pesquisar com crianças na experiência *Alegrias, sonhos e desejos*.

- Tia, eu vivo no meu sonho [...]. Eu vivo nele porque eu erro muito.

- Mas como você erra muito?

- Eu sou muito serelepe, mas eu sou feliz bem assim. Quando eu venho pra escola, passo em uma rua e arranco as mangas verdes, mas eu subo no muro, e tem vez que eu nem chego pra estudar, quando eu encontro meus amigos lá na pracinha e, aí, a gente fica conversando e brincando e tomando um vento, vendo os passarinhos que passam e olhando o céu bem azulzinho.

- E eu também já fui lá [...].

- Tem muitas crianças se divertindo.

- Elas fazem o quê lá?

- Elas não são de verdade [...].

- Eu também não sou um menino de verdade não.

- Então, quem você é?

- Eu estou bem sonhando, né?

- Agora?

- Eu sonho acordado [...]. É bem uma sensação.

Trechos da experiência de pensamento (2023).

As crianças fazem devir nas composições que inventam, não se preocupam em atingir uma forma adulta, mas nos modos de afetar-se pelas coisas, pelas brincadeiras, pelo corpo, em seu pensamento, assim como Deleuze-Guattari (1992) afirmam: a sensação remete a um devir. Um pensamento-criança que se perde, se distrai com seus desejos num tempo intensivo, sem regras, sem códigos, sem limites. Um tempo de alegria, brincadeira, distração, risos coletivos, como aponta Larrosa (2013, p. 181): “o riso destrói as certezas” e dispara alegria atravessada pelo sensível, pela intensidade do corpo.

O que está em jogo é a abertura para o encontro, um deslizar entre os sujeitos para conhecer, capturar intensidades nas redes de forças, ativar uma virtualidade, potencializar algo nos atravessamentos entre os corpos, uma vez que o cartógrafo se encontra, conforme ressaltam Barros e Kastrup (2009, p. 58), na situação de “começar pelo meio, entre pulsações”, e deixar-se afetar pelo inesperado, pelo desconhecido, na cartografia dos encontros.

2 EM APRENDÊNCIAS, SEGUIMOS EXPERIMENTANDO OUTRAS COMPOSIÇÕES

Afirmando tecituras e conexões enredadas pelos agenciamentos que a literatura provoca em movimentos zigzagueantes de criação e invenção (Deleuze, 2011), experimentamos, no coletivo, a ativação das emoções, afecções e composições docentes que possibilitaram outros possíveis, ressoando a vida. Desse modo, estas pesquisas apontam que os signos artísticos revelam processos de subjetivação que nos permitem atingir os diversos mundos por meio da experimentação, agindo como fluxo de força para quebrar representações, impulsionando invenções de possíveis, além de possibilitar a constituição de uma educação pautada na dimensão do sensível.

Experiências que afirmam a potência dos bons encontros em experimentações com a literatura, a contação de histórias, docências, crianças e infâncias. Esses movimentos atravessam os corpos, impulsionados pela criação, pelos encontros positivos e afetos alegres, e abre caminhos para processos inventivos no cotidiano escolar.

Ao problematizar essas forças no cotidiano da educação infantil e dos anos iniciais do ensino fundamental, investigamos os afetos que emergiram e possibilitaram novas experimentações e a criação de currículos outros na produção de fabulações sensíveis, ensejando outros possíveis modos de experimentar, criar, compor, enredar a vida, na força do coletivo, dos afetos e afecções nos processos de aprendizagens, que nos fez pensar: O que pode a força dos afetos no encontro com a literatura e a contação de histórias em movimentos com crianças e docentes provocar? Que provocações um corpo violentado pelos efeitos dos signos artísticos pode suscitar nos currículos, nas docências, nas infâncias, nos cotidianos escolares?

Assim buscamos em Deleuze-Guattari (1992) a força da arte nas condições existenciais, na liberação da vida, na invenção de outros mundos possíveis, na coletividade como um desejo de agenciamento de uma comunalidade expansiva (Carvalho, 2009), como uma experiência estética.

Pesquisar com a experiência estética, como uma composição artística no campo do possível, é um modo de acontecimento que se dá quando o corpo é afetado por forças que atravessam blocos de sensações, linhas de intensidades, na invenção de modos de existências. Afetos que se dão pelos encontros, pelos signos da arte, pelas experimentações na potência de uma educação do sensível, nas afecções do corpo, nos movimentos éticos, estéticos e políticos.

Pesquisar como experiência estética constitui um encontro alegre que potencializem vidas nos agenciamentos e acontecimentos e experiências e... Portanto, resta-nos experimentar.

Pelas frestas, para além delas, continuemos criando outras aberturas possíveis para pensar os processos formativos, os currículos, a docência, as crianças, as infâncias, entre aprendizagens que se constituem com o outro na invenção de uma vida e muitas outras vidas quantas forem possíveis...

REFERÊNCIAS

BARROS, Maria Elizabeth Barros; KASTRUP, Virgínia. Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (orgs.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade.** Porto Alegre: Sulina, 2009.

CARVALHO, Janete Magalhães. **O cotidiano escolar como comunidade de afetos.** Petrópolis, RJ: DP at Alii; Brasília, DF: CNPq, 2009.

DELEUZE, Gilles. **Lógica do Sentido.** Tradução de Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo, Perspectiva, Ed. da Universidade de São Paulo, 1974.

_____. **Diferença e Repetição.** Tradução de Luiz Orlandi, Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2006 [Arquivo on-line].

_____. **Conversações.** 3. ed. Tradução de Peter Pál Pelbert. São Paulo: Editora 34, 2013.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é a filosofia?** Trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

_____. **O Anti-Édipo: Capitalismo & Esquizofrenia 1.** Trad. de Luiz B. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2010.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2.** Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. v. 1, 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia Profana: dança, piruetas e mascaradas.** Trad.: Alfredo Veiga-Neto. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

LEITE, César Donizetti Pereira. **Infância, experiência e tempo.** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

LEITE, César Donizetti Pereira; GAVIOLLI, Íria Bonfim; OLIVEIRA, Luana Priscila de. (org.). **Educação... entre travessias, olhares e encontros.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2024. 273p. ISBN: 978-65-265-1123-7 [Impresso] 978-65-265-1124-4 [Digital].

MUNDURUKU, Daniel. **Afete.** 1. ed. Cotia, SP: Criadeira Livros, 2023.

SPINOZA, Baruch. **Ética.** Belo Horizonte: Autêntica, 2009.